

# **Códigos Culturais do Mobiliário no Brasil**

*Cultural Codes of Furniture in Brazil*

Ellwanger, Daniele Dickow; Mestranda; Escola Superior de Desenho Industrial –  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
[daniele\\_ellwanger@hotmail.com](mailto:daniele_ellwanger@hotmail.com)

Niemeyer, Lucy Carlinda da Rocha de; DSc; Escola Superior de Desenho Industrial –  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
[lucy@esdi.uerj.br](mailto:lucy@esdi.uerj.br)

## **Resumo**

Este artigo explicita o desenvolvimento do mobiliário no Brasil, desde sua origem colonial até as últimas décadas, principalmente no que se refere aos códigos culturais presentes nos produtos desta área. Analisou-se cada etapa que envolve a história do móvel nesse país, como também as influências das mais variadas culturas e dos principais movimentos de artistas, arquitetos, designers, entre outros profissionais, nesse meio. Dessa forma, tal análise permitiu evidenciar as características essenciais de significação cultural presentes na produção moveleira do Brasil, as quais estão sempre se renovando e contribuindo constantemente com a construção da identidade nacional.

**Palavras-chave:** códigos; culturas; mobiliário.

## **Abstract**

*This paper presents the furniture development in Brazil since its colonial origin up to the last decades, mainly concerning the cultural codes showed in the products related to this area. It analyses each phase of the Brazilian furniture history as well as the different influences – cultural and art, architecture and design movements. Therefore, such analysis has showed up the essential features of cultural meaning presented in the Brazilian furniture production. Such features are always been renewed and are constantly contributing to the national identity construction.*

**Keywords:** codes; cultures; furniture.

## Códigos Culturais do Mobiliário no Brasil

Os primeiros portugueses que desembarcaram no Brasil, por volta de 1500, acabavam por se utilizar dos equipamentos indígenas, pois não traziam muitos pertences.

Já no início do século XVII, os colonizadores trouxeram alguns baús, canastras, cadeiras e arcas.

Cabe destacar o desenvolvimento da arquitetura, dentre outras áreas, em Minas Gerais, com traços originais representativos do barroco brasileiro, decorrente do *rush* do ouro nesta região que ocorreu de 1698 em diante e perdurou durante todo o século XVIII. Quanto ao mobiliário nas residências, este era simples nas formas, sendo dobrável e desmontável para facilitar o transporte em função da constante troca de lugar que a extração do ouro exigia, ocupando pouco espaço nas viagens. Já os móveis das igrejas, como arcazes, armários e credencias, eram robustos e adornados com muito luxo.

Com a vinda da corte lusa do Príncipe D. João e da Missão Francesa para o Brasil, em 1808, associada à abertura dos portos e à assinatura de tratados comerciais, conforme Santos (1995, p. 15-17), ocorreu uma diminuição das importações de peças portuguesas, bem como, em contrapartida, houve um aumento da chegada de móveis dos mais variados estilos europeus, o que passou a influenciar a produção local com sua complexidade, além da busca em se desenvolver móveis industrializados.

Da segunda metade do século XVIII até o início do século XIX, surgiram os estilos D. José I e D. Maria I. Outros estilos também foram importados e copiados no Brasil, vindos da França, como o Diretório e o Império, e da Inglaterra, o Adam, o Sheraton e a Regência, todos do século XIX.

Com as fundações de museus e de escolas de arte, houve a contratação de mestres estrangeiros, tendo como exemplo, a missão artística francesa, já citada, a qual constituiu o grupo da Academia de Belas Artes que só passou a funcionar em 1826. Essa missão francesa introduziu no Brasil o estilo Neoclássico, “em voga na Europa desde o final do século 18, o que transformou os exteriores e interiores das residências mais abastadas”. Tal estilo não foi muito difundido entre as camadas inferiores da população. Na mesma época, “em Pernambuco, surgiu um estilo de mobiliário com fortes influências brasileiras, que ficou conhecido como **Beranger** ou Pernambucano”. (BORGES, 2007, p. 20)

Ainda na segunda metade do século XIX, fatores como o crescimento da população, o aumento da produção cafeeira, a ampliação das linhas ferroviárias, demonstraram o “avanço de uma economia que chegava ao limite, dentro da estrutura e do regime vigente”. Tais fatores, entre outros, contribuíram para o florescimento da produção moveleira no Brasil. (SODRÉ, 1999, p. 47-48)

Conforme Borges (2007, p. 21), o que se destacou na passagem do século XIX para o século XX foi o movimento decorativo Art Nouveau, na arquitetura e nas artes plásticas.

A simplicidade de linhas da Cama Patente favoreceu a passagem da produção artesanal para a produção seriada. O projeto desse móvel foi “patenteado por seu criador e fabricante, precursor da produção moveleira seriada no país. [...] O design mostra influências dos móveis Thonet, da Áustria”. Pode-se

considerar o *design* desta cama, um verdadeiro manifesto a favor da modernidade e da funcionalidade no móvel, que trouxe alterações profundas em termos de projeto, da execução, dos processos construtivos, da comercialização, do consumo e dos padrões do gosto do setor. (SANTOS, 1995, p. 33)

Um dos expoentes da modernização da cultura brasileira foi a realização da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, no início dos anos de 1920. Mário de Andrade pôs em prática os princípios desse movimento, colaborando, de maneira singular, com o móvel brasileiro. Mesmo com influências do Art Déco, renunciou novos padrões estéticos para o mobiliário.

Outros colaboradores, no mesmo período, foram Flávio de Rezende Carvalho, Gregori Warchaschik, Cássio M'Boi, Lasar Segall e Theodor Heuberger.

Foram também momentos importantes, a fundação da Bauhaus, por Walter Gropius, na Alemanha, a qual “tinha por finalidade formar uma nova geração de arquitetos integrados com os modernos meios de produção, preparando profissionais capazes de imprimir qualidade estética e construtiva aos produtos industriais”; e o movimento Art Déco, na França, o qual “surgiu impulsionado pelos movimentos decorativos do início do século e pela indústria, combinando o uso de metal, madeira e couro”, com linhas puras e sem ornamentos, referências estas encontradas nos trabalhos de John Graz, expoente de tal estilo. Todos esses marcos refletiram suas características nos produtos brasileiros. (BORGES, 2007, p. 22)

Mas foi “a partir de 1930, com a emergência da arquitetura moderna, [que se] configurou [...] um conjunto de fatores que desempenhou importante papel no processo de modernização da mobília brasileira”, principalmente em nível de desenho, mesmo ainda com a predominância da produção artesanal. (SANTOS, 1995, p. 21)

A busca pela originalidade brasileira não quer dizer que o mobiliário deixou de receber influências externas, mas, a estas, associaram-se elementos nacionais.

Conforme Santos (1995, p. 51), foi nesse período de 1930 a 1960 que partiu de São Paulo e do Rio de Janeiro a maioria das iniciativas modernas em relação ao mobiliário, bem como a implantação do desenho industrial no Brasil.

Sobre o Rio de Janeiro, como havia, em grande parte, investimentos em obras públicas, o que mais se desenvolveu foi a produção de móveis de escritório, bem como para o interior das residências projetadas pelos arquitetos locais. Essa geração de *arquitetos-designers* era representada por Lucio Costa, este como líder do grupo, Affonso Reidy, Alcides Miranda, Carlos Leão, Ernani Vasconcellos, Jorge Moreira e Oscar Niemeyer. Tiveram como seus seguidores Artur Pontual, Carlos Fongaro, Joaquim Tenreiro, Sérgio Rodrigues, Sérgio Bernardes, Bernardo Figueiredo e Aida Boal. (SANTOS, 1995, p. 52)

Já em São Paulo, cidade esta reconhecida como o maior pólo industrial, era onde se concentravam os recursos tecnológicos para a produção do móvel moderno. Além de Gregori Warchavchik como destaque dos anos de 1920, já citado, cabe assinalar, a partir de 1930, a contribuição de Oswaldo Bratke, João Batista Artigas, Rino Levi e Henrique Mindlin. Seguindo a carreira desses profissionais, surgiram Lívio Abramo (desenhista), Francisco Gonsales, José Z. Caldas, Paulo M. da Rocha, entre outros.

A partir do final da década de 1940, houve uma preocupação maior em conjugar “o espírito moderno do despojamento e simplicidade ao uso de nossos materiais” e às condições de produção vigentes nesta época, tanto artesanal quanto semi-industrial ou industrial, buscando assegurar “ao móvel então produzido uma qualidade universal e artisticamente elaborada, o que alterou de maneira significativa o aspecto do mobiliário brasileiro”. Assim, buscou-se a utilização de formas orgânicas, ao contrário do período antecedente representado por aspectos mais estáticos, o que permitiu maior conforto e, conseqüentemente, melhor ajuste ao corpo do usuário. Também se acentuou o uso de fibras naturais e tecidos rústicos (lona, couro e chita), representantes dos materiais nativos, bem como de madeira compensada ao invés de maciça. Tais características refletiram-se nas obras de Joaquim Tenreiro, agora ainda mais envolvido com o móvel moderno, Lina Bo Bardi, Giancarlo Palanti e Bernard Rudofsky. Nota-se a presença de profissionais estrangeiros no Brasil que, de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento do mobiliário nacional. (SANTOS, 1995, p. 81)

Sobre a variedade de materiais, passaram a ser produzidos móveis de plástico, cromados, além da utilização de materiais sintéticos. A partir desse momento, nas décadas de 1950 e 1960, começaram as preocupações com a preservação ambiental, com a modulação, bem

como com a própria funcionalidade dos móveis. Mesmo assim, alguns profissionais ainda seguiram os padrões clássicos, tomando como modelo o trabalho de Joaquim Tenreiro.

A partir de 1960, especificamente, a efervescência da arte e da cultura brasileira, como consequência das mudanças de caráter político-social que ocorreram nesta década, refletiu-se também no mobiliário, mesmo que de forma sutil, a qual envolvia a questão nacional-popular. Assim, o móvel enriqueceu-se “com os elementos nativos e, em consequência disso, produziu-se, em certos momentos de plenitude criadora, um móvel com formas originais, mais condizente com nossas condições e expressivo do caráter brasileiro”, o que o colocou em evidência diante do cenário internacional. Dessa fase, o trabalho mais significativo cabe a Sérgio Rodrigues, agora ainda mais intenso em relação à questão do nacionalismo, seguido de Michel Arnoult, Norman Westwater e Abel Lima (Mobília Contemporânea), Carlo e Ernesto Hauner (Móveis Artesanal e Mobilínea), Karl Bergmiller (Escriba), Geraldo de Barros (Hobjeto), Leo Seincman (Projeto), Ricardo Arrastia, José Serber, entre outros. (SANTOS, 1995, p. 124)

Nos anos de 1970 e 1980, surgiu um grupo de arquitetos e designers representado por Adriana Adam, Carlos Motta, Freddy van Camp, Fúlvio Nanni Jr., Maurício Azeredo, entre outros.

Para o final do século XX, foram produzidas peças, tanto seriadas quanto únicas, com mistura de diversas matérias-primas ou de madeiras brasileiras, que estimularam o mercado do móvel contemporâneo. Cabe destacar a colaboração de Reno Bonzon, Claudia M. Salles, Etel Carmona, Marcelo Ferraz, Marcelo Suzuki, entre tantos outros.

## **Conclusão**

Portanto, observou-se que, no decorrer dos últimos cinco séculos, houve uma mistura de influências externas e internas, mas evidenciou-se uma busca pela originalidade da cultura brasileira e de todas as áreas que a mesma abrange, como é o caso do mobiliário.

Dessa forma, o referido trabalho tratou de concentrar informações esparsas sobre a trajetória do mobiliário, de maneira a contribuir com a consolidação do design brasileiro, além de fornecer tais subsídios para o estudo de acadêmicos e profissionais da área.

Sendo assim, viu-se que os universos simbólicos ordenam a história dos homens, e essas manifestações caracterizam tanto a cultura brasileira quanto os próprios bens materiais produzidos em nível nacional, as quais sempre buscaram a autenticidade como elemento primordial de representação.

## **Referências Bibliográficas**

AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira**: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 6 ed. Brasília: Editora UnB; Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

BORGES, Adélia; *et al.* **Coleção Museu da Casa Brasileira**. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2007.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. **Móvel Moderno no Brasil**. São Paulo: Edusp, FAPESP, Studio Nobel, 1995.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. 19 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.